

## PERFIS INUSITADOS DOS ENTREVISTADOS DE CLARICE LISPECTOR PARA *FATOS & FOTOS/GENTE*

SILVA, Paulo Felipe Costa e<sup>1</sup> (UNIFAL-MG)  
Orientadora: Dra. Aparecida Maria Nunes

### RESUMO

Clarice Lispector trabalhou como entrevistadora para a Bloch Editores em duas publicações: *Manchete* e *Fatos & Fotos / Gente*. Sua “técnica” era justamente a de subvertê-la, tendo como principais características instaurar e manter o “diálogo caloroso” com seus entrevistados. Dessa forma, Lispector conseguia que seus interlocutores se expusessem de forma inusitada. O objetivo deste estudo, portanto, é analisar as entrevistas que a ficcionista realizou para a *Fatos & Fotos*, por ser o último trabalho da escritora na imprensa antes de seu falecimento, apresentando aspectos que denotam a linguagem dessa “Clarice entrevistadora” em sua passagem pela imprensa.

**Palavras-chave:** Literatura e jornalismo; Clarice Lispector; Gênero entrevista.

### RESUMEN

Clarice Lispector trabajó como entrevistadora en la Bloch Editores en dos publicaciones: *Manchete* y *Fatos & Fotos / Gente*. Su "técnica" era precisamente subvertirla, teniendo como principales características establecer y mantener un "diálogo impetuoso" con sus entrevistados. De este modo, la autora obtenía que sus interlocutores se expusieran de manera inusual. El objetivo de este estudio, por lo tanto, es analizar las entrevistas que la novelista realizó para *Fatos e Fotos*, por ser el último trabajo de la escritora antes de su fallecimiento, presentando aspectos que denotan el lenguaje de esta "Clarice entrevistadora" en su incursión por la prensa.

**Palabras-clave:** Literatura y periodismo; Clarice Lispector; Género entrevista.

### 1. Introdução

Clarice Lispector fora reconhecida, inicialmente, pela sua ficção, publicada em 1943, com *Perto do Coração Selvagem*. Mas também por seus trabalhos realizados para a

---

1

E-mail: paulo\_silva\_13@hotmail.com

imprensa carioca, estreando, em 1940, no periódico *Pan*, com o conto *Triunfo*. E desde então, segundo a pesquisadora Aparecida Maria Nunes<sup>2</sup>, novos trabalhos foram surgindo para a ficcionista e, à medida que isso ocorria, facetas inéditas dessa Clarice jornalista vinham à tona. A saber: a contista, a cronista, a tradutora, a repórter, a colunista de página feminina e a entrevistadora.

Entre as empresas jornalísticas que mais se destacaram durante a trajetória de Clarice no periodismo brasileiro, está a Bloch Editores, na qual a escritora – graduada em advocacia – trabalhou como entrevistadora para duas publicações: *Manchete* (1968 a 1969) e *Fatos e Fotos / Gente* (1976 a 1977). Conforme relata Nunes (2006, p. 24), “havia uma Clarice que tentava se firmar e se comunicar com outro tipo de público que não o das obras literárias.” Mais do que isso: em suas entrevistas, buscava o “diálogo caloroso” com os entrevistados, de modo que o público adquirisse uma visão mais humana dos mesmos – “de corpo inteiro<sup>3</sup>”.

Ao realizar as entrevistas, a escritora subvertia as normas desse gênero e, com isso, obtinha respostas tão incomuns a respeito dos entrevistados que técnica jornalista nenhuma poderia conseguir. Esse aspecto peculiar é causado sobretudo pelas perguntas – aparentemente espontâneas –, as quais se assemelham às inquietações apresentadas pela literatura de Clarice.

O objetivo, portanto, deste estudo é analisar algumas entrevistas – como as realizadas com o poeta Ferreira Gullar, as pintoras Maria Bonomi e Flora Morgan Snell, dentre outras, identificando o perfil de tais entrevistados e de passagens que demonstram o uso da criatividade ou seguimento de técnicas pela autora de *A Hora da Estrela* (1977). Para isso, serão utilizados trabalhos de estudiosos do gênero como Hugh C. Sherwood, Cremilda Medina e Montse Quesada.

---

<sup>2</sup> Cf.: *Clarice Lispector: páginas femininas e outras páginas*, Senac/ São Paulo, 2006.

<sup>3</sup> *De corpo inteiro* é o título dado à coletânea de 35 entrevistas publicadas inicialmente pela ArteNova, em 1975. Anos mais tarde, em 2007, a editora Rocco resgatou outras entrevistas, selecionando boa parte das da edição anterior e inserindo novo título: *Clarice Lispector – Entrevistas*.

## 2. *Fatos & Fotos*: entrevistas e o “diálogo possível”

### 2.1 A revista

A *Fatos & Fotos / Gente* era uma revista de variedades. Noticiava dramas sociais, atualidades, vida de famosos, artes e mundo televisivo – divididos em seções de nomes homônimos nas suas 66 páginas. As entrevistas que Clarice Lispector realizava seguiam o formato das que foram publicadas por *Manchete*: duas páginas impressas, com fotografia bem ampla do entrevistado que chegava, quase sempre, a ocupar uma página inteira da publicação, além do lide. A produção de Lispector em *Fatos & Fotos* teve início na edição no. 801, em dezembro de 1976, e se encerrou na de no. 843, em outubro do ano seguinte<sup>4</sup>, totalizando 27 entrevistas.

### 2.2 Entrevistas

Clarice Lispector construía suas entrevistas utilizando a técnica de perguntas-e-respostas, a qual proporciona ao entrevistado maior liberdade para expor suas ideias. Em termos gerais, a entrevista era estruturada da seguinte forma: introdução, perguntas (cerca de sete), respostas e conclusão<sup>5</sup>.

As entrevistas eram realizadas, na maioria das vezes, no apartamento da autora no Leme (RJ), recebendo seus entrevistados em ambiente agradável, inclusive com cafezinho – via de regra – ou, ainda, resgatando a repórter que fora nos anos 1940, em lugares os mais diversos possíveis, como restaurantes, jardins e na própria residência do entrevistado.

Nunes expõe que “Clarice não demonstra preocupação com o factual e amplia o papel do entrevistador que interage com seu entrevistado, procurando extrair dele o lado mais humano” (2006, p. 86). A linguagem da entrevistadora Clarice não era hermética como na ficção, pois, conforme a técnica de entrevista, o texto deve ser claro e inteligível.

---

<sup>4</sup> Cf.: NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector “jornalista”*. (FFLCH, Universidade de São Paulo, 1991), dissertação de mestrado, pp. 264-265.

<sup>5</sup> Maiores detalhes sobre a estrutura serão expostos nos próximos parágrafos.

Apesar disso, o que era estabelecido não era apenas uma entrevista, mas um “fluente” diálogo. Esse, por sua vez, é preconizado por Cremilda Medina, em trabalho intitulado *Entrevista – o diálogo possível*. Nesse estudo, como o próprio título sugere, Medina defende o diálogo e atos criativos. Acompanhemos:

Um gesto, uma palavra, uma entrega despojada, confessional, serão sempre configurações das possibilidades criativas numa relação humana difícil de enfrentar. [...] Não se pode quantificar e sistematizar as atitudes criativas, elas serão sempre uma resposta pessoal a dada situação. O que é preciso é aceitar as *n* saídas para atingir o grande fim – o diálogo. (1995, p. 31)

A criatividade é a principal responsável pelas peculiaridades das entrevistas de Clarice; a escritora buscava essas “*n* saídas” para que o que fosse publicado – o que quer que fosse – alcançasse o “diálogo possível”. E, para isso, Lispector não poupava perguntas em primeira pessoa, isto é, não se colocava à margem da entrevista. Como nos mostra Nunes: “Clarice não fala em nome da revista. Ela tenta, às vezes, mas os melhores textos são justamente aqueles que trazem à tona a interação entrevistador - entrevistado. Ambos personalidades. Ambos notícia.” (2006, p. 87). Essa interação e, de certa forma, “intromissão” era permitida, pois Lispector era escritora consagrada desde sua estreia, em *Perto do Coração Selvagem* (1943). Nos jornais – e na imprensa de um modo geral – o repórter ou jornalista deve deixar o entrevistado se sobrepor, além de se mostrar imparcial: suas impressões não interessam a publicação. Hugh C. Sherwood alerta:

O repórter poderá colocar-se em primeiro plano, o assunto da entrevista em segundo e a pessoa entrevistada em terceiro. Essa atitude não passará despercebida ao entrevistado. E o entrevistador, com essa atitude, está fadado a realizar péssima entrevista. (1981, p. 20)

Apesar de Clarice Lispector não seguir à risca essa regra, a de se manter em terceiro plano, ela não se colocava em primeiro. Suas conversas eram leves “pingue-pongues”, de modo que entrevistador e entrevistado dialogavam. Talvez esse seja o motivo pelo qual as respostas que os entrevistados concediam sejam, em boa parte, inesperadas.

### **2.3 Estrutura**

A estrutura das entrevistas é motivo de controvérsias, pois Clarice ora seguia um padrão de perguntas-e-respostas, que, para o jornalismo, é o método mais fácil de construir uma entrevista; ora narrava os depoimentos e as atitudes dos entrevistados, além de suas impressões – as quais se denominam texto corrido, devido à linguagem subjetiva. Como na entrevista com Jece Valadão<sup>6</sup>, logo na introdução:

A meu ver – disse-me Jece Valadão – Ângela Diniz era uma suicida em potencial, que viveu toda a sua vida buscando alguém que fizesse o que ela não tinha coragem de fazer. Doca é um aventureiro, o último dos românticos. (LISPECTOR, 2007, p.157)<sup>7</sup>

É o mesmo caso da entrevista com o pintor Iberê Camargo<sup>8</sup>. No entanto, neste a presença do texto corrido é predominante. Observemos:

Profunda reflexão de Iberê. Fico esperando. Até que ele diz: após a realização de um quadro, ou de uma série, segue-se um esvaziamento que por seu turno é substituído por uma gestação que se processa, e o período criador renasce então. Você tem a mesma experiência?

- Igual. Sinto um esvaziamento que quase se pode chamar sem exagero de desesperador. Mas para mim é pior: a germinação e a gestação que se processa, e o período criador renasce então. [...] (*idem*, 2007, p. 212)

Além desse aspecto incomum no gênero entrevista, há outro que acaba por se tornar muito usual nas entrevistas de Clarice Lispector: a alternância de perguntas entre entrevistado e entrevistadora, sugerindo que o que ocorria não é mera entrevista, mas íntimo diálogo, que contextualizava a pergunta a ser feita pelo entrevistado a ela, entrevistadora, e invertendo as posições dos interlocutores, no diálogo que se efetivava.

Contudo, podemos concluir que, ao contrário das entrevistas realizadas para a *Manchete*, há algumas passagens textuais que, em *Fatos & Fotos / Gente*, tendem para o já citado texto corrido, marcando, preponderante, a subjetividade da entrevistadora.

Montse Quesada, no trabalho intitulado *La entrevista: obra creativa*, divide a

---

<sup>6</sup> Publicada originalmente por *Fatos & Fotos / Gente* em 25-04-1977.

<sup>7</sup> Clarice Lispector, *Entrevistas* (Rio de Janeiro: Rocco)

<sup>8</sup> Publicada originalmente por *Fatos & Fotos / Gente* em 18-04-1977.

entrevista em dois tipos: entrevista informativa e entrevista de criação<sup>9</sup>. A primeira, parafraseando o autor, está muito ligada à objetividade e a oferecer ao leitor imparcialidade e unicidade ao interpretar a informação. Já a segunda, também definida pelo especialista como “literária”, por outro lado, apresenta mais da personalidade do entrevistador do que se fosse um simples informante e seu modo de narrar a entrevista demonstra capacidade criativa ou literária.

Ao entrevistar, Lispector fazia jus à entrevista de criação: não se colocava à margem da entrevista e incluía sua personalidade ao realizar perguntas – as quais serão abordadas posteriormente. Quesada conceitua, em termos gerais, a estrutura das entrevistas de criação (que se assemelha a da escritora): lide, início propriamente dito ou introdução, maneiras de articular o “pingue-pongue” pergunta/resposta e encerramento.

Na introdução do texto de entrevistas clariciano cabiam as impressões pessoais de Clarice a respeito do entrevistado e, na maioria das vezes, a descrição do momento antes da entrevista ocorrer – é onde a subjetividade da escritora se mescla com a da profissional de imprensa. Assim nos mostra o trecho da entrevista com o poeta Ferreira Gullar<sup>10</sup>:

Sou fervente admiradora de Ferreira Gullar, desde os tempos de *A luta corporal* até esse escandalosamente belíssimo *Poema sujo*. Nossos mútuos contatos se fizeram no tempo da primeira revista *Senhor*, para a qual nós dois escrevíamos. Mas eu tinha um poder verbal, eu seria aniquilada. Éramos um pouco distantes um do outro, e eu desconfiança que ele rejeitava a minha “literatura”. Mas o que fazer? Nada, senão continuar a gostar do que ele escrevia e escreve. Nesta entrevista, ele me assegurou que a desconfiança antiga era errada. Aleluia! Ele esteve em minha casa. Verifiquei que, praticamente, não mudou, tem o rosto como que talhado em madeira. Madeira sensível, madeira-de-lei. É pessoa extremamente simpática e com ar de bondade. (*idem*, 2007, p. 51)

A partir de uma introdução como essa, a entrevista se iniciava. No entanto há alguns casos em que apresentam pequena introdução, ou as perguntas começam diretamente, anulando qualquer tipo de comentário ou apresentação. As respostas praticamente, em certos casos, iniciam o texto de jornal, como a entrevista com a pintora e gravadora Maria

---

<sup>9</sup> Tradução e adequação para o português pelo autor deste artigo.

<sup>10</sup> Entrevista publicada em 16-05-1977.

Bonomi<sup>11</sup>, logo no início:

Maria Bonomi, uma das nossas maiores gravadoras, revela a Clarice Lispector os segredos de sua artes, e da sua alma.

- Estou derrubando limites. É uma fuga para dentro se você quiser. Dá medo, Clarice. É quase brincar com a morte – diz Maria Bonomi. Ela é jovem, forte, vital, franca com um cavalo de fina raça de corrida. Na gravura porém ela implícita. Isto é, não extravasa o intimismo de sua arte (*idem*, p. 173).

Na conclusão (se havia), a escritora colocava suas últimas impressões e comentários a respeito entrevistado. É o caso do trecho final da entrevista com Vinicius de Moraes<sup>12</sup>: “Eis pois alguns segredos de uma figura humana grande e que vive a todo risco. Porque há grandeza em Vinícius de Moraes” (*idem*, 2007, p. 109).

## 2.4 Perguntas

As entrevistas de Clarice Lispector apresentam dois polos que se alternam,   os quais um predomina o outro. Esses extremos polares materializam-se nas perguntas, bem como se aproximam às definições de entrevista de criação e entrevista informativa. Quando o entrevistado pertencia ao círculo de amigos de Clarice, ou quando essa se identificava com o entrevistado, as perguntas eram mais profundas e pessoais, abordando os temas mais variados: amor, felicidade, importância, vida e morte. A entrevistadora deixava se sobrepor, perguntando e tomando como exemplo si própria. Como é o caso da pergunta que fez a escritora Lygia Fagundes Telles:

- Para mim a arte é uma busca, você concorda?

- Sim, a arte é uma busca e a marca constante desta busca é a insatisfação. Na hora em que o artista botar a coroa de louros na cabeça e disser, estou satisfeito, nessa hora mesmo ele morreu como artista. (*idem*, 2007, p. 14)<sup>13</sup>.

Entretanto, quando o entrevistado era desconhecido de Clarice, seu lado jornalístico aflorava e o perfil das perguntas mudava – geralmente eram sobre o perfil profissional do mesmo. É o que ocorre na entrevista com o parapsicólogo Padre Quevedo:

---

<sup>11</sup> Publicada em 20-06-1977

<sup>12</sup> Publicada em 12-09-1977

<sup>13</sup> Publicada em 29-8-1977.

Por favor, descreva um fenômeno parapsicológico:

“O fenômeno parapsicológico mais frequente observado é o popularmente chamado telepatia. Existem, realmente, fenômenos de adivinhação, a sensorial, ou hiperestesia indireta do pensamento, pela qual o inconsciente capta os pensamentos das pessoas que estão perto.<sup>14</sup>

Estas entrevistas, de caráter mais jornalístico, se aproximam da definição de entrevista informativa, uma que tem principal pretensão a objetividade e o enfoque nas declarações realizadas pelo entrevistado.

Vale ressaltar, ainda, que Clarice costumava reutilizar seus trabalhos. No que concerne às entrevistas, quatro delas foram publicadas inicialmente pela *Manchete*, para então serem reaproveitadas em *Fatos & Fotos / Gente*: Hélio Pellegrino, Carlos Scliar e Iberê Camargo.

### 3. A última entrevista

A última entrevista de Clarice Lispector para a *Fatos & Fotos* – e também o último trabalho antes de seu falecimento – foi publicada na edição no. 843, do dia 17 de outubro de 1977, na seção “Arte” com a pintora Flora Morgan Snell. A entrevista não saiu como o esperado e se difere a todas as outras antes publicadas, principalmente pela “intensidade da linguagem” utilizada pela autora. Logo na introdução, as impressões pessoais de Clarice a respeito da entrevistada surgem:

A Sr.<sup>a</sup> Flora Morgan Snell, figura quase sempre nas colunas sociais dos jornais e revistas, ora por motivo de exposições, ora por motivo de viagem, ora por motivo de recepções. Aliás, ela própria parece uma figura internacional, lembra boneca estrangeira. Era justo entrevistá-la.<sup>15</sup>

A partir desse começo, já era nítido o teor que prevaleceria durante toda a entrevista: o de ironia e o cômico. O mesmo caso ocorre quando, ainda na introdução, por exemplo, a escritora descreve o mordomo que a atendeu:

---

<sup>14</sup> *Fatos e Fotos/ Gente*, Brasília, Bloch, 2-5-1977, p. 42.

<sup>15</sup> *Fatos e Fotos/ Gente*, Brasília, Bloch, 17-10-1977, p. 46-47.



[...] fomos recebidos no ultra-suntuoso apartamento (Vieira Souto) por um mordomo devidamente fardado. Não reparei se usava luvas ou não. [...] Lembrei-me de que anos livros policiais, especialmente de Agatha Christie, o assassino é quase sempre o mordomo. [...]<sup>16</sup>

Cremilda Medina nos diz que: “De forma extremamente diversa, segundo a situação social, histórica, a determinação psicológica, o clima e o caráter da entrevista, os entrevistados reagem à entrevista. (1995, p. 12). Clarice sentiu-se incomodada com o perfil burguês da entrevistada e, segundo o fotógrafo que a acompanhava, Marcos Vinício, em entrevista a Lilian Newlands<sup>17</sup>, “O repórter sacou, a Clarice sacou e eu também. Mas a Flora, que não era boba nem nada, se comportou com muita grandeza no meio do fogo cruzado da ironia.” As respostas da pintora eram sucintas, e as perguntas sempre remetiam ao dinheiro e sucesso com os seus quadros. Acompanhemos:

– Desculpe a pergunta, que só faço para ter mais certezas: ter dinheiro lhe facilita maiores oportunidades de expor no exterior do que a qualquer pintor nosso?  
– Ter dinheiro é uma desvantagem para o artista. Dinheiro é uma coisa a que certas pessoas dão importância. A liberdade está na criação<sup>18</sup>.

A entrevista segue dessa maneira até o término, e Clarice não pôde deixar de expor sua insatisfação ao encerrar a entrevista:

Deu-se então por encerrada a entrevista, pois as respostas eram tão sucintas (talvez por modéstia) que não me davam a chance de estabelecer o que chamo de diálogo caloroso... Eu já conheci muitos artistas – pintores, escultores, poetas, músicos, romancistas – e posso afirmar que a Sr.<sup>a</sup> Snell foi a única a me transmitir tal absoluta segurança em si mesma, sem sinal das dúvidas que ocorrem em quem cria arte. Deve ser muito gratificante ter tanta confiança na própria obra<sup>19</sup>.

A escritora disse, de maneira irônica, que Flora Morgan Snell não faz arte, uma vez que a segurança da pintora não é compatível com as “dúvidas que ocorrem em quem cria arte”. Contudo, é necessário ressaltar que, nas entrevistas de Clarice, não é somente a personalidade do entrevistado que interferia na entrevista, mas, na mesma proporção, a da

---

<sup>16</sup> Idem.

<sup>17</sup> Lilian Newlands, “Paginas da Rua”, *Em dia com a cidadania*, 25-9-2007.

<sup>18</sup> *Fatos e Fotos/ Gente*, Brasília, Bloch, 17-10-1977, p. 46-47.

<sup>19</sup> Idem.

entrevistadora.

## **5. Considerações finais**

As entrevistas de Clarice Lispector demonstram, de maneira clara, a busca da escritora pelo diálogo, o que justifica o subvertimento das técnicas de entrevista, das pautas e de outras normas do mundo jornalístico. Essa faceta de Clarice incorpora-se a tantas outras que se instauraram durante sua trajetória pelo periodismo brasileiro – e elas, sem dúvida, influenciaram a literatura da romancista. As inquietações e as dúvidas das obras de Lispector se assemelham às das entrevistas, de modo que a temática das perguntas e o perfil dos entrevistados não poderiam ser mais diversos, visto que, na busca da escritora pela essência das coisas, ela procurava em seus entrevistados respostas para as perguntas mais simples ou, como em muitos casos, aquelas que incomodariam o entrevistado pela falta de resposta e pela complexidade do tema.

## 6. Referências bibliográficas

- GOTLIB, Nádia Batella. *Clarice: uma vida que se conta*. 6.Ed. São Paulo: Edusp, 2009.
- LISPECTOR, Clarice. *Clarice Lispector Entrevistas*. Claire Williams (org.). 1.Ed.Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- LISPECTOR, Clarice. *De Corpo Inteiro*.1.Ed. Rio de Janeiro: ArteNova, 1975.
- MEDINA, Cremilda. *Entrevista – o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1995.
- MEDINA, Cremilda. *Notícia – um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo: Atual, 1981.
- NEWLANDS, Lilian. *Em dia com a cidadania: Páginas da Rua*. Disponível em:<<http://www.emdiacomacidadania.com.br/post.php?titulo=paginas-da-rua-por-lilian-newlands>>. Data de acesso: 12/12/2010.
- NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector Jornalista*. 1. Ed. São Paulo: São Paulo Senac, 2006.
- NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector “jornalista”*. dissertação de mestrado. FFLCH/USP, São Paulo, 1991.
- QUESADA, Montse. *La entrevista: obra creativa*. Barcelona: Editorial Mirtre, 1984.
- SHERWOOD, Hugh C. *A entrevista jornalística*. São Paulo: Editora Mosaico Ltda., 1981.